O suicídio em contos de *Maria Benedita Bormann*[*]

Eliane T. A. Campello[1]

Ana Karenina, Madame Bovary, Madame Butterfly, Ofélia e Julieta, Judith, a talentosa irmã de Shakespeare, criada por Virginia Woolf e a Virginia Woolf, protagonista de *As horas*, Luisa, de *O primo Basílio*, Madalena, de *São Bernardo*, Isabel, Iracema e Lúcia, do nosso Alencar, a moça de Érico que se atira do décimo andar de um prédio, em *O resto é silêncio*, Negrinha, do conto de Monteiro Lobato, a Bertoleza, de Aluísio Azevedo, a Mariana que, em *O Retrato do Rei*, se joga às labaredas da floresta e a noiva do mascate Abraão, que se enforca, depois que Amina apresenta a "dança proibida", em *Amrik*, ambas de Ana Miranda, Corina, de Staël, Celeste, que se deixa morrer e Lésbia, que cortas os pulsos, num banho de emersão, ambas protagonistas dos romances homônimos de Délia, pseudônimo da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann, todas essas são personagens que apresentam uma característica comum: suicidam-se.

---

[*] Este ensaio encontra-se publicado no CD-ROM (2004), Anais do V Seminário Internacional de História da Literatura , realizado na PUCRS, em 2003, sob a coordenação de Maria Eunice Moreira.

[1] Profª. Drª. da FURG. Pesquisadora do Programa de pós-graduação em História da Literatura da FURG. Membro do GT da ANPOLL: "A mulher na literatura".

> A lista poderia continuar quase indefinidamente. Entretanto, essa breve mirada na literatura ocidental, resultado da pena tanto de escritores quanto de escritoras, já se faz suficiente para introduzir o assunto deste trabalho: o tema do suicídio em dois contos de Délia.

Uma mulher que ultrapassa as fronteiras restritivas da sociedade de seu tempo, fins do século XIX, Délia (POA, 1853 - RJ, 1895), publica sua obra durante o movimento realista/naturalista no Brasil. Todavia, essa relação entre a autora e a episteme do naturalismo não é pacífica.

O conto "A suicida", foi publicado em quatro fragmentos, no jornal literário *Corimbo*[2], no ano de 1890. A narradora, em primeira pessoa, encontra-se em Paris, na década de noventa do século XIX, para "tratar de interesses pecuniários". Na véspera de seu retorno ao Brasil, lê nos jornais a notícia da morte da proprietária do *college*, uma mansão de veraneio nos arredores da cidade, que atrai a narradora, liberando sua imaginação "vagabunda", sempre em busca de romances, no seu "doentio labutar". Costumava ela cismar acerca de quem poderia habitar tal lugar, "um inglês spleenetico" ou "alguma solteirona monomaníaca". Despertada de seu "tédio cruciante", neste "dia nefasto, em que a vida lhe pesa e desalenta como o maior dos fardos", a narradora (da qual nunca se conhece o nome), já em seu traje masculino mais cômodo para viagem, pega o primeiro carro em direção ao *college*, onde se dera "o lúgubre epílogo de uma existência aliás brilhante e invejada, se bem que acidentada de abrolhos, como a via dolorosa".

---

[2] O jornal *Corimbo*, de propriedade das irmãs Revocata de Melo e Julieta de Melo Monteiro, circulou na cidade de Rio Grande (RS), de 1883 a 1943. "A suicida" vem publicado em: Corimbo. Rio Grande do Sul, ano VI, n. 29, 30 mar. 1890; ano VI, n. 31, 13 abr. 1890; ano VI, n. 34, 27 abr. 1890; ano VI, n. 35, 4 maio 1890.

Lá chegando, vê a bela e sedutora figura, "com as vestes de baile, aureolada pela augusta serenidade da morte". Aos 35 anos de idade – "o termo fatal da mocidade" –, Amélia Leontina de Nanteuil (condessa de Barr), suicidara-se, ato que ela mesma narra, na carta que deixa para a imprensa local. Definindo-se como "Mulher, artista e histérica", a condessa deita-se sobre a terra, no fundo do jardim e aspira um vidro de clorofórmio, deixando que a neve sirva-lhe de sudário. Na carta, narra ainda toda a sua vida, da infância a esses momentos finais. Fora feliz até os onze anos; depois, os pesadelos constantes tornam-se "a ficção de seu amargurado viver". A mãe, altiva e dominadora, nunca lhe perdoara a preferência que nutria pelo pai. Bela e melancólica, Amélia sofre por um amor não correspondido. A mãe obriga-a a casar-se com o conde de Barr, que, embora homem honrado e bondoso, era 20 anos mais velho do que ela. Ele morre cinco anos depois e ela torna-se sua herdeira. Entrega-se a vários amores, mas apenas um era realmente merecedor de seus sentimentos: "o meu bom Rafael, de quem era eu então a Fornarina". A mãe atormenta-a cada vez mais, até que morre de congestão súbita. Mais adiante, morre-lhe o pai. A condessa começa a ter idéias suicidas, tentada muitas vezes pelo "vidro de licor arsenical". Porém não havia ainda chegado o momento psicológico de acabar com a vida. Agora, sim. E, termina sua carta: "Já nos umbrais da eternidade, eu te saúdo, ó insânia humana! Liberto-me enfim dessas paixões que devoram a existência, deixando o coração vazio, livro-me do fel desses beijos fementidos e também da sensaboria de algum afeto quiçá sincero!"

O conto "Nevrose", que Délia publica em *O Paiz*, jornal do Rio de Janeiro, em 1892[3], também apresenta uma narradora em

[3] Utilizo a versão publicada em TELLES, Norma. Maria Benedita Bormann (Délia). In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). Escritoras brasileiras do século XIX. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. p. 587-590.

primeira pessoa, inominada, que se abstrai do mundo, ao elevar-se nas "asas da fantasia". Está contente com a vida, extasiada pela paisagem que descortina do terraço, embebida em íntimo sonho, quando de repente o jardineiro vem chamá-la, para acudir uma senhora que está morrendo. A narradora apodera-se dos vidros de éter, cloral e água de colônia. Ao chegar, encontra uma "criatura lívida, com os negros cabelos desatados, em desalinho, tendo os pezinhos nus, onde tentavam deitar sinapismos". De tipo *mignon*, a encantadora moça lhe diz: "Minha senhora! (...) proíba que me toquem, não tente socorrer-me; envenenei-me e quero morrer...". A narradora tenta dissuadi-la da morte, mas a moça está irredutível: "Os entes como eu só amam uma vez na vida e não se profanam: morro com a pureza do corpo e do coração (por isso, a narradora comparara-a a Atala), sem escrúpulos de consciência, ciente de que destruí a forma miserável, que não pode agradar ao ente amado!".

Diz ainda: "... recuso viver sem retribuição: nasci passiva, como todos os que esperam; parto revoltada, como todos os oprimidos!" Morre decepcionada pelo amor não correspondido. A narradora trança-lhe os cabelos que caem até os pés e retorna para sua casa: nervosa, indignada por achar-se viva, possuída pelo fanatismo de morte. Imagina que, ao chegar em casa encontraria os convivas ao redor do esquife, dividindo-se entre esse e a mesa de refeições. No entanto, encontra a casa como a havia deixado, plena do tédio habitual.

Os dois contos, a partir da descrição dos atos suicidas, abrem um debate que aponta em diversas direções as quais, de certa forma, se imbricam e se complementam. Os fatores estéticos e até mesmo os extraliterários que caracterizam a literatura do naturalismo brasileiro relacionam-se com o surgimento da "Nova Mulher", em fins do século XIX. Os contos de Délia favorecem as aproximações possíveis desses temários com a representação narcísica do duplo:

A associação entre os textos dá-se em dois planos: o formal e o temático. As narrativas se constituem sobre duas vozes distintas: a da narradora e a da suicida. A voz da narradora serve de moldura para uma narrativa encaixada, a que contém a visão da suicida. Em "Nevrose", essa moldura é explícita, pois após a morte da moça, a narradora fecha o conto, descrevendo seu retorno à casa e ao tédio habitual. Em "A suicida", a moldura parece manter-se em aberto, pois o conto finaliza com a voz da condessa de Barr. Aqui, o arremate da moldura, que se daria pela retomada do discurso da narradora não acontece. Com tal procedimento poético, Délia adianta os moldes e o gosto pós-modernistas. Na primeira fala da narradora conhecemos seu destino: após a visita à mansão, onde está sendo velada a condessa, a narradora deverá retornar ao Brasil. Portanto, temos nos dois textos, uma história dentro da história. E, esse elemento estrutural da narrativa imbrica-se ao tema do suicídio.

O ato suicida traz analogias com o comportamento histérico, depressivo, monomaníaco, spleenético, melancólico, entediado, termos que aparecem nos textos de Délia, bem como nesta literatura *fin de siècle*, por influência marcante das descobertas e estudos realizados na área da psicologia humana (que, em breve, virá a ser nomeada de Psicanálise, devido aos estudos de Freud e de Breuer). Tais características vêm associadas ao comportamento da mulher, em especial desta "Nova Mulher", que não se conforma em se restringir às limitações e imposições da sociedade sobre a sua participação como sujeito ativo na cultura de seu tempo. As mulheres eram mentalmente constituídas para tomarem conta de crianças e, fisicamente, para darem à luz. Qualquer outra atividade, que pudesse levá-las a competir com os homens, em vez de servi-los, seria desafiador para a sua "natureza", resultando daí uma disfunção, uma desordem mental. Essa patologia mental é lida hoje como uma forma de rebelião reprimida que, ao se manifestar, mostra os meios pelos quais a mulher é vitimizada pelos mitos masculinos, no caso,

casamento e maternidade. E, nas situações enfocadas nos contos de Délia, acresce-se a frustração amorosa. O homem amado não corresponde a elas. Assim, sem noivo, tanto o casamento quanto a maternidade tornam-se impossíveis. Em conseqüência, a histérica (a condessa de Barr, por exemplo, é explícita quanto a esta caracterização de sua personalidade, associada ao fato de ser mulher e artista) surge como personagem duplamente estigmatizada.

Um dos primeiros cientistas a estudar a histeria foi Charcot[4] e ele, Elaine Showalter nos alerta para o fato, tratava os sintomas, mas não prestava atenção nas palavras da histérica, na verdade, não "escutava" o que as mulheres gritavam. É de Charcot a frase que remete a Shakespeare: "You see how hysterics shout, much ado about nothing"[5]. A tradição da psiquiatria médica na Inglaterra do século XIX também tendia a silenciar a paciente, para fazê-la o objeto de técnicas de manipulação moral, ou de representação fotográfica e de interpretação. Os médicos acreditam que a autoridade terapêutica dependia da dominação sobre a linguagem das pacientes. O *globus hystericus*, que os médicos interpretavam como a subida do útero (o termo "histeria", em grego *hysteron*, significa útero) até as cordas vocais, fato que impedia a mulher de emitir sons, pode ter sido uma manifestação física desta "fala-a-menos", na expressão de Sylvia Paixão[6], desta fala sufocada, da voz embargada. A histeria também serviu para designar todos os protestos e todas as doenças femininas não-nomeadas, de caráter enigmático e ilusório, resistentes aos poderes da racionalidade masculina, tanto que Mitchell[7], em sua

---

4 Charcot (1825-1893) trabalhou em Salpêtrière. Freud trabalhou lá de 1885 a 1886. Embora a histeria tenha ocorrido também em homens, para Charcot permanece uma doença feminina.

5 Ver Showalter, Elaine. The female malady: women, madness, and English culture, 1830-1980. New York: Pantheon Books, 1985, p. 154.

6 Sylvia Paixão. A fala-a-menos: a repressão do desejo na poesia feminina. Rio de Janeiro: Numen, 1991.

7 Cf. Showalter, 1985, p. 130.

obra médica, alude a "*mysteria*" (ecoando "*hysteria*", em inglês). Com Charcot, há muitas fotos e apenas fragmentos das palavras das mulheres[8]. Essa situação repete-se no Brasil.

Porque esta mulher (fins do XIX) precisa de tratamento, estabelece-se na ficção do cânone naturalista no Brasil (assim como em obras de autoras/es de outros sistemas literários, tais quais a das Brontë, a de Zola e de Flaubert, entre outros) uma preferência pelos "estudos do temperamento", casos clínicos, recorrência constante à fisiologia e às "nevropatas"[9]. Conseqüentemente, criam-se duas personagens obrigatórias na ficção: o médico e a doente. "E, pouco importa que haja cura ou não, a figura do médico se faz sempre acompanhar de uma aura de sabedoria, paternalismo e competência" e "possui traços que o aproximam dos intelectuais brasileiros da virado do século", conforme observa Süssekind[10]. Essa crítica mostra alguns "cortes" nesse naturalismo, como por exemplo, a substituição da histérica pelas donzelas-guerreiras[11] e o da intervenção machadiana, que elimina as "histéricas" e os médicos levados a sério, dando voz ao alienado e ao doente.

Por esse viés, Délia está mais próxima de Machado do que dos demais escritores. Mas, arrisco afirmar que o "corte" produzido por ela

---

8 Somente com Freud e Breuer, é que a Psicanálise começa com conversas íntimas entre as histéricas e os psiquiatras. Tem-se diálogos, em vez de exibições. O exemplo clássico é o de "Anna O.", em que "O" sugere o círculo simbólico ou o ciframento do mistério sexual feminino. Anna O representa a intelectual frustrada e rebelde, "A Nova Mulher" vista pelos especialistas dos nervos ingleses. Sua histeria era um escape "criativo" do tédio e futilidade do quotidiano.

9 Ver Süssekind, Flora. Tal Brasil, qual romance? Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. p. 122, que registra o abandono de questões da "vida brasileira", na literatura, pelos "casos clínicos". A autora reporta-se também à posição de Lúcia Miguel-Pereira e de José Veríssimo.

10 Süssekind, 1984, p. 128, 130.

11 Refere-se às obras Luzia-Homem, de Domingos Olímpico, D. Guidinha do poço, de Manuel Oliveira Paiva e Bom crioulo, de Adolfo Caminha.

é ainda mais profundo, na medida em que a autora não abandona a figura da histérica. Ao contrário, ela ousa deslocá-la da margem para o centro da cena, faz dela a protagonista, para, maximizada, poder observá-la de perto, com lentes de aumento. Tal efeito é alcançado quando, entre a narradora e a suicida, nos dois contos, estabelece-se o duplo narcísico. Délia ousa mais ainda: elimina a presença do médico e inventa o diálogo, que se dá entre duas mulheres as quais, na verdade, são uma só. A narradora torna-se a interlocutora de si mesma, em processo de construção de sua autodefinição e autoconhecimento.

Debruçada, qual Narciso, sobre a suicida, cria-se a imagem dupla. Essa condição que o espelhamento lhe concede permite à narradora matar a mulher fraca e doente que há em si mesma. Délia não substitui um estereótipo por outro. Ela o recria, para poder implodi-lo a partir de dentro dele mesmo, aos oferecer às/aos leitoras/es caminhos hermenêuticos novos. Com isso, contradiz a tradição e anuncia uma nova era. A "Nova Mulher", que aí está se constituindo, vem para instalar-se num mundo que a desafia, mas que também é desafiado por ela. Repare-se nas qualidades da narradora de "A suicida": essa mulher é independente, tanto financeira (vai a Paris para "fechar negócio") quanto no âmbito familiar (viaja sozinha, desacompanhada), instruída (faz alusões a George Sand), usa trajes masculinos, com vistas ao conforto e não à moda feminina, enfim, é o retrato de uma mulher pública e nessas condições, vai sobreviver a qualquer adversidade. A narradora sai dali, ilesa.

Em "Nevrose", repete-se essa mesma representação. A narradora é chamada para atender uma outra mulher "doente". E, ela sabe o que deve levar consigo para reanimar a suicida. Além disso, mesmo instalando-se uma situação de suicídio assistido (a eutanásia), a narradora serve-lhe de confidente. A moça suicida explicita isso: "É mulher, há de compreender-me".

Norma Telles, no comentário à "Nevrose", suscita um aspecto relevante para a leitura do duplo que proponho. Pergunta a críti-

ca: "(...) A nevrose está na moça que se suicida, na mulher que atravessa o jardim, ou no tédio do lar? A cena surreal que medeia as duas casas suprime as classificações e instaura a ambigüidade, que, por seu turno, borra a categoria nevrose. (...) as tensões cambiam incessantemente de posição, tornando incertas as noções de nevrose e saúde. E, ao tornar incerta a aplicação do rótulo de patologia, também torna incertos os contornos da ética e da moral"[12].

Esse questionamento leva-nos a perceber a "assimetria" de que fala Süssekind, quando joga com as equações que sustentam o naturalismo no romance brasileiro: "Tal pai, qual filha?" Resposta correta: a histérica. Isso porque, não há uma história anterior que sustente a relação "Tal mãe: tal filha". Não há modelo a ser imitado, fora da prescrição médica e da moral predeterminada pela sociedade.

Porém, quando se fala em "Nova Mulher", na perspectiva da crítica literária feminista, surgem novos valores interpretativos. Se essa Nova Mulher se define por sua luta por educação, trabalho e liberdade pessoal, ela também recorre à histeria, anorexia, loucura e, ao suicídio, como uma forma de expressão de sua mente criativa. Os "sintomas" dessas patologias são sua obra de arte.

Nesse sentido, admitindo-se, primeiramente, o espelhamento entre a narradora e a suicida, pode-se ir um pouco mais além e pensar os dois contos de Délia, como a extensão da voz da própria autora, o que estenderia a representação *mise-en-abyme* ao nível extradiegético. Em ambos os contos, a narradora descreve-se na forma de uma mulher dotada de imaginação fértil, sempre tumultuada, em busca de um romance, de um *plot* a ser descoberto por trás das aparências. Exemplo disso é a forma como sua mente borbulha ao passar frente às grades da mansão da condessa de Barr, em "A suicida". Outro exemplo, bastante inusitado, é a cena final de "Nevrose", apresentada com um toque escatológico, que prenuncia

[12] Telles, 1999, p. 575.

o banquete antropofágico, ao colocar lado a lado, num mesmo cenário, a comilança e o esquife: "Sorri à idéia de que, ao chegar, encontraria mil convivas ao redor de esplêndida ceia, passando-se da mesa para o esquife, levando-se nos lábios a pastilha envenenada. Sonhar-se-iam delícias que terminariam no aniquilamento do sepulcro".

Tudo resultado de sua imaginação, carnavalizada, diga-se. Mas, como afirma Nélida Piñon, a escritora se obrigou a "inventar para compreender". A passagem descrita reafirma a idéia de duplicidade, porque a cena vislumbrada pela narradora ocorre em sua casa e não na casa da suicida. Ao retornar, no lugar desse cenário a narradora encontra o "tédio habitual", que é, porém, enfrentado e superado por ela, ao assumir sua condição de mulher ativa, num espaço e tempo que a empurram para um passado, em que a cultura feminina não ultrapassa as fronteiras domésticas, que a oprimem e impedem de "fazer história" (a não ser como mãe e esposa, no nível do real, ou vítima, anjo e demônio, no ficcional).

Nessa linha do espelhamento, autora-narradora-suicida, essa última pode também ser entendida como a criação, a fabulação, a imagem da protagonista de alguma obra da narradora. Assim, direcionando o foco para ela, sua morte desejada e provocada permite uma leitura em palimpsesto, em que o suicídio não significa simplesmente que ela ocupa apenas a posição de vencida, ou o abandono da vida, da luta, escapismo e passividade. Ao contrário, a raspagem do significado literal leva a ver em seu suicídio um ato de rebelião, de resistência, de denúncia, de domínio de sua vontade, de controle de seu corpo. Em outras palavras, vemos aqui, com alguns anos de antecedência, a concretização estética da proposta de Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*: a morte do "Anjo da casa". O suicídio do "anjo' remete, simbólica e até metaforicamente, à morte de personagens que habitavam o ideário romântico, traduzido pela mulher que se deixa morrer languidamente (ou, efetivamente, se suicida), por motivos passionais (e aqui vem *Werther* que, neste caso,

aproxima-se do comportamento feminino), sem reagir à lógica masculina que a aprisiona neste papel, não lhe permitindo contestação.

Délia adianta-se à crítica, em sua ficção, porque vive e experencia o tempo em que o surgimento de uma nova mulher se impõe. Faz a histérica, a suicida, falar. Ela fala em nome da mulher criativa, para uma mulher também criadora. Fala com seu corpo. Hélène Cixous radicaliza e avança: "Silêncio: silêncio é a marca da histeria. As grandes histéricas perderam a fala... suas línguas são cortadas e o que elas falam não é ouvido porque é o corpo que fala e o homem não escuta o corpo" [13].

Veja-se também o testemunho altamente poético e não menos contundente do que o da crítica francesa, com que Piñon descreve a afasia: "Creio que a mulher é uma grande observadora, porque tem que salvar sua alma. Sua alma pereceu na história, porque não lhe foi pedido que falasse. Foi afásica durante milênios. (...)"[14]. Considere-se o modelo de Charcot. Só bem mais adiante é que a Psicanálise investe na cura pela palavra e a paciente assume o papel de "narradora". Délia, por esse ângulo, mais uma vez, acelera a história. Explica a sexualidade reprimida das personagens, rompendo com a relação necessária entre papéis sexuais e papéis doentios ("*Sex roles* igual a *sick roles*", na equação de Elaine Showalter) que, obrigatoriamente, condenavam a mulher brasileira do século XIX a uma posição periférica às mudanças culturais no país.

Não é exagero afirmar que a escritura/leitura da gaúcha Maria Benedita Bormann, nestes contos, abre novas possibilidades de interpretação e compreensão do naturalismo brasileiro, devido a sua recusa de assujeitamento às regras estéticas rígidas do cânone desse

---

[13] Cixous, Hélène. Castration or decapitation? Trad. de Annette Kuhn. Signs: Journal of women in culture and society. Chicago, the University of Chicago, v. 7, n. 1, p. 41-55, 1981.

[14] Em Hinchberger, Bill. A storyteller of modern myth. Americas, p. 40-45, Feb. 1997.

período. Délia quebra o estereótipo da mulher afásica. As narradoras dos contos, multiplicadas nas imagens das suicidas e da própria autora, podem ser vistas ainda como desveladoras de dramas íntimos, de gritos histéricos, de silêncios eloqüentes, jamais decifrados por nós, leitoras e leitores do século XXI. Como saber o que, de fato, pensam e sentem Ofélia, Luisa, Madame Bovary, Woolf, Iracema, Corina, Celeste, Lésbia...

A suicida[15]

Foi no rigoroso inverno de 18...

Estava eu então em França e com bastante pesar deixara momentaneamente Paris, a fim de ir à cidade de X tratar de interesses pecuniários.

Bastaram-me quinze dias para fechar o negócio e para conhecer não só todos os arrabaldes, como também a crônica dos habitantes; graças ao prurido de certas lingüinhas de prata, como as há em toda a parte.

Levava-me o passeio favorito para os lados dos bosques de... uma das mais belas perspectivas de luz e sombra que hei admirado e um dos lugares onde mais me pungia a saudade do meu céu brasileiro.

Em caminho parava sempre à grade de um *college* lindíssimo, verdadeiro ninho de amores e ali quedava-me a idealizar encantadoras quimeras, idílios sem conta; por fim despertava e maldizia o doentio labutar da minha imaginação, sempre em busca de romances, quando talvez fosse aquela mimosa vivenda o casulo de algum inglês *spleenetico* ou de alguma solteirona monomaníaca.

Essa prosaica probabilidade, porém, não me inibia de recomeçar os loucos e involuntários devaneios todas as vezes que por lá passava; impaciente, tratei de orientar-me e soube que o *college* pertencia a uma senhora bela e rica, que ali vinha durante o verão, ora só, ora em ruidosa companhia.

Não me enganara o instinto, atraindo-me magneticamente para aquela morada; a triste realidade que nela encontrei excedeu a tudo que eu havia fantasiado.

Na manhã seguinte devia voltar para Paris. Arrumei as malas, vesti o meu traje masculino, que é o mais cômodo

[15] Conto de Délia. [Texto reproduzido do Corimbo, Rio Grande do Sul, ano VI, n. 29, 30 mar. 1890; ano VI, n. 31, 13 abr. 1890; ano VI, n. 34, 27 abr. 1890; ano VI, n. 35, 4 maio 1890. As edições deste periódico encontram-se depositadas na Biblioteca Rio Grandense, na cidade de Rio Grande, RS. Atualização por Eliane T. A. Campello].

para viajar e senti-me cansada de corpo e alma; estava em um dos meus dias nefastos, de tédio cruciante, em que a vida me pesa e desalenta como o maior dos fardos.

Trouxeram-me os jornais; olhei indiferente para as colunas tarjadas de preto e comecei a ler; de súbito avolumaram-se as letras ante o meu olhar febril, tingiram-se de rubro causaram-me vertigens e eu sempre a ler, anelante, com a garganta constringida pela angústia.

Apanhei o chapéu, desci a escada, a correr, entrei no primeiro carro que passou e dei o endereço do *college*; dera-se nele o lúgubre epílogo de uma existência aliás brilhante e invejada, se bem que acidentada de abrolhos, como a via dolorosa.

E era uma mulher, o meu estudo predileto, a infeliz protagonista dessa tragédia que, em algumas horas, se tornara a mais comovente e a maior das novidades.

Entrei no jardim, despido de verdura, coberto de neve, todo branco, glacial, onde o vento rijo balouçava os arbustos, imprimindo-lhes movimentos automáticos; senti frio na alma diante da desolação da natureza e penetrei no salão, transformado em câmara ardente.

Toda a minha curiosidade, ou antes, todo o meu simpático interesse concentrou-se na morta: desdenhei observar o interior do ninho, onde tanta vez penetrara a minha vagabunda imaginação.

Ah! como George Sand, a ilustre, se enganava quando dizia:

"Não gosto que o rosto mostre uma idade diferente da que realmente se tem. É uma idéia supersticiosa, louca e injusta, mas eu não poderia confiar em uma pessoa sobre a idade da qual me tivesse equivocado. Se me parecesse mais nova do que na verdade o fosse, julgaria que o egoísmo, a secura d'alma ou uma fria apatia a tivessem impedido de sentir as dores humanas, ou a tornassem hábil em evitar as fadigas morais que envelhecem a todos.

"No caso contrário, acreditaria que os vícios, a devassidão ou uma espécie de falsa exaltação a tivessem precipitado na desordem e na fadiga que a envelheceram demais e precocemente: em uma palavra, eu não veria sem pasmo e sem receio uma infração nas leis da natureza."

Pois essa criatura que ali jazia, bela, sedutora mesmo, com as vestes de baile, aureolada pela augusta serenidade da morte, gentil no misterioso sorriso de esfinge que lhe soabria os lábios, de admirável carnação, apresentava 25 anos, quando contava mais dez; no entanto não se furtara a mísera às dores deste mundo, suara sangue e tragara fel na agonia do seu Calvário.

Caprichos da natureza! Organismos privilegiados, em que é a lágrima o rocio que lhes entretém a frescura!

Seu corpo, de uma morbidez escultural, cheio de covinhas, e que parecia gerado para somente palpitar de prazer aos beijos idólatras de algum eleito, emergia de um vestido de cetim rosado, caindo em largas pregas; cruzavam-se os braços sobre o seio, de modo suave e casto, como se acalentasse o coração dorido, enquanto a cabeça altiva e senhoril, elegantemente penteada, repousava no travesseiro de renda.

Era tudo!

E a luz dos círios a bruxulear, dava-lhe por vezes tal animação ao expressivo semblante que eu tive a ilusão de que ela abriria os olhos e de que seu mudo sorriso desataria em argentina risada; não despertaria mais a *pobresita*: conseguira ao fim o eterno descanso em busca do qual partira a vida.

Eis o que deixara escrito e que fora reproduzido pelos jornais do dia.

"Às autoridades competentes e à faina dos Srs. repórteres,

"Eu Amélia Leontina de Nanteuil (condessa de Barr), em pleno uso de minhas faculdades, escrevo as seguintes linhas, visto serem precisas certas formalidades, mesmo para deixar este mundo: além de que, não desejo que o meu suicídio acarrete dissabores a quem quer que seja.

"Sinto uma volúpia amarga, uma alegria satânica, neste momento supremo, em que tenho de evocar a minha vida, túnica de Nessus que em breve despedaçarei, fugindo pela minha firme vontade ao jugo feroz da sorte que me trucidou desde o berço.

"Tenho 35 anos, cheguei ao termo fatal da mocidade; nada mais me encanta, nada mais me prende; quero morrer e

só essa idéia me dá ainda uma sensação qualquer, talvez a curiosidade do desconhecido.

"Mulher, artista e histérica, resolvi acabar deste modo:

Vesti-me para o baile, porque fico mais bonita assim e por ser este o traje das grandes cerimônias.

"Quando acabar de escrever, irei para o fundo do parque, à esquerda deitar-me-ei corretamente sobre a terra, aspirarei o vidro do clorofórmio e deixarei que a neve, essa coisa tão bela e tão imaculada, seja o meu frio sudário.

"A originalidade dessa idéia não é minha; li isso algures, já não sei aonde, no romance, porém era a heroína mais bela do que eu, mas havia sofrido muito menos, seja dito em honra da verdade.

"Ao evocar a infância vejo-me aos sete anos, feliz, travessa, mui curiosa de tudo, por vezes cismarenta, já descuidosa ou aborrecida dos brincos que ainda há pouco me encantavam.

"Completei onze anos em um bem-estar já eivado de estudos, de castigos e de recompensas; tive então uma impressão aguda provocada por um pesadelo: vi-me em uma praia, onde o mar crescia, invadia a terra e eu a recuar e o terreno a fugir-me sob os pés; recuei, agitei-me, gemi, acordei em gritos lavada de frio suor.

"Era um prenúncio esse pesadelo?

"Veio sempre, de ano em ano, causar-me os mesmos terrores, os mesmos gritos, deixando-me a mesma angústia. E era, mal sabia eu! A ficção do meu amargurado viver!

"Nesse tempo, havia no meu coração uma idolatria e no meu espírito um encantamento; a idolatria era meu pai, o encantamento era minha... mãe, não! Só merece esse nome sagrado a mulher que possui fibras maternas; ela não era mãe!

"Essa criatura que me deu o ser, ostentava beleza arrogante, fatal, com todas as perfeições físicas mas faltava-lhe esse melindre que vem da alma e que mais embeleza um lindo rosto; para mim, porém, criança ingênua, bastava-me o prazer dos olhos e não mais pedia para proclamá-la a mais adorável das mulheres.

"Altiva e dominadora, nunca me perdoou a preferência dada a meu pai, procurando mesmo amesquinhá-lo ante meu ânimo, mas nada conseguia; a ternura não se impõe,

inspira-se; por ela daria eu a vida, porém deixar-me-ia martirizar por ele.

Todos diziam-me bela e o espelho não negava essa asserção; mas alguma coisa de melancólico se me infiltrou na alma ao entrar nessa fase da vida; era um volitar de anseios, de esperança e de temores, que se entrechocavam, deleitando-me e aturdindo-me.

"Amei e não me foi possível prender a atenção de quem me havia cativado pela vez primeira, tendo uma decepção na idade em que as demais mulheres só têm ilusões e alegrias.

"Aproveitou o meu despeito a minha progenitora para fazer-me casar com a fortuna do conde de Barr; tinha mais 20 anos do que eu, era um homem honrado de raro cultivo e de fina educação: não me deu felicidade, porém amenizou com a sua bondade a tristeza da minha juventude sem amor.

"Morreu cinco anos depois, deixando-me rica e grata à sua memória; foi talvez o único ente que me não molestou.

"Depois... amei, isto é, vivi e padeci!... Se amei uma, mil vezes, não sei, afirmo unicamente que amei com veras a entes que nada valiam, que não mereciam tão ricas dádivas.

"Ah! perdão! houve um digno de muito mais ainda, foi o meu bom Rafael, de quem era eu então a Fornarina.

"Sofri, odiei, blasfemei e a meu turno atormentei e fiz chorar; na sou por isso pior do que qualquer outra, cumpri apenas o meu fadário e, se tanto pequei, também serei perdoada por muito haver amado.

"Aos meus 28 anos, já se obumbrava a beleza da minha progenitora, vingando-se ela sobre mim das devastações do tempo; injuriava-me, maltratava-me a todas as horas.

"Humildade, paciência, nada conseguia abrandar-lhe as iras, até que um dia, no meio de vociferações, caiu fulminada por uma congestão.

"Desoladora impressão deixaram-me na alma as decantadas solicitudes da maternidade e o aconchego da família.

"Pouco depois perdi meu pai; resolvi então viajar, a fim de atordoar os pesares, mas em toda a parte senti o influxo da minha má estrela perseguir-me começando também a afagar-me a idéia do suicídio, como a melhor das soluções, em vista do meu descalabro moral.

"Quanta vez me tentou o vidro de licor arsenical, quanta vez o levei aos lábios e o retirei, porque ainda não havia chegado o momento psicológico de acabar com a vida.

"É que eu ainda tinha uma esperança qualquer, é que ainda faltava satisfazer algum estulto desejo ou realizar algum vão projeto!

"Mas agora acabou-se tudo!

"Já nos umbrais da eternidade, eu te saúdo, ó insânia humana! Liberto-me enfim dessas paixões que devoram a existência, deixando o coração vazio, livro-me do fel desses beijos fementidos e também da sensaboria de algum afeto quiçá sincero!

"Um adeus eterno e afetuoso àqueles a quem estremeci e completo: perdão àqueles que me traíram!"

Rio de Janeiro

Delia [Maria Benedita Borman]